

## **Programa de Pós-Graduação**

### **Área de Filosofia**

#### **FLF5319 Teoria das Ciências Humanas (Uma outra destruição da natureza é possível: Crítica da metafísica, teologia-política e transformações sociais no século XXI)**

**Prof. Dr. Vladimir Safatle**

**Créditos: 08**

**Duração: 12 semanas**

### **I – OBJETIVOS:**

O que convencionamos chamar de “ocidente” é, acima de tudo, uma forma de compreender o sistema de viventes como “natureza”. Ou seja, é a invenção da “natureza” que marca as sociedades ocidentais. Pois com ela vem uma série de dicotomias que definirão nosso horizonte de experiências e a maneira com que nos relacionaremos ao sistema dos viventes.

Não será por acaso que a natureza aparecerá continuamente como contraponto a todos os conceitos normativos que pretensamente definiriam a especificidade de nossas sociedades ocidentais, tais como liberdade, história, consciência, autonomia. Aprendemos a acreditar que lá onde a natureza impera, não pode haver liberdade. Lá onde a natureza define o ritmo dos movimentos, não pode haver história. Lá onde a natureza define comportamentos, não pode haver deliberações produzidas pela capacidade de reflexão da consciência. Vale aqui o que disse Heidegger em outro contexto: “Em todas essas distinções, a natureza não é só um lado posto, mas é essencialmente a vista, na medida em que é sempre primeiramente contra ela que algo se distingue e na medida em que, assim, o que é distinto se determina a partir dela”. Ou seja, é a natureza que define o limite do que gostaríamos de ser. É contra ela e a partir dela que somos. Por causa disso, não é incorreto dizer que a definição da natureza forjou nossos discursos a respeito da pretensa especificidade de nosso processo de modernização. Por termos compreendido nossa suposta distância essencial à natureza seríamos, como dizia Max Weber, sociedades nas quais a natureza foi desencantada, o que nos colocaria na frente do processo histórico inelutável de racionalização das concepções de mundo. Isto quer nos fazer acreditar que poderíamos indicar o caminho necessário a outras sociedades que estariam ainda em atraso.

É possível que a situação de crises conexas que vivemos (crise ecológica, demográfica, socio-econômica, política, psíquica, epistêmica) crie as condições para colocarmos essas dicotomias em profundo questionamento. Essas crises, cada uma a sua maneira, indicam o esgotamento de valores e horizontes normativos que, durante séculos, pareceram garantir os caminhos para nossa emancipação e liberdade, para a realização mais profunda da potencialidade de sermos nós mesmos. Progresso, desenvolvimento, abundância, riqueza, crescimento: esses termos são carregados de profunda dimensão

normativa por parecerem assegurar as condições materiais de emancipação. Não por outra razão, são valores que iremos encontrar em uma dispersão de campos, como a economia, a política, a psicologia e a história. E todos esses termos estão profundamente relacionados ao destino que demos até agora à natureza, à compreensão do tipo de relação que deveríamos ter para com ela, a distância que deveríamos tomar dela.

Por isso, é certo que, mais do que uma necessidade inelutável do conhecimento, do desenvolvimento científico e da razão, nossa ideia de natureza é fruto de uma decisão, de uma escolha que sociedades fazem, mesmo que sejam escolhas não completamente formuladas enquanto tais no momento de sua emergência. Seria importante lembrar desse ponto para nos livrarmos de uma espécie de visão necessitarista do desenvolvimento científico, como se nossa relação à natureza fosse fruto de um irresistível desenvolvimento das técnicas e saberes motivados pelo esclarecimento cada vez maior da inteligência sobre o mundo e o crescimento exponencial que isso implicaria. Nesse curso, gostaria de defender a tese de que as crises nas quais nos encontramos não pedem uma “nova aliança” com a natureza, mas uma “nova destruição” da natureza. Não a destruição física que vemos de forma cada vez mais dramática todos os dias, mas a destruição do sistema de dicotomias que anima nossa metafísica, principalmente a distinção metafísica entre pessoas e coisas que até hoje guiou nossa relação hegemônica à natureza. E gostaria de mostrar como certas lutas sociais e modificações jurídicas que ocorrem no continente latino-americano podem impulsionar a imaginação social nessa direção. Lutas que, em nosso contexto histórico, podem ser compreendidas como ações sociais tendo em vista a constituição de uma liberdade que será agora pensada de outra forma, para além da noção tradicional de autonomia. Uma liberdade como heteronomia sem servidão.

## II - CONTEÚDO

Aula 1 (09 de agosto): Introdução: A natureza como conceito teológico-político central. A tarefa histórica de destruir a natureza como contraponto ontológico ao humano. A estratégia de articulação entre crítica da metafísica e crítica social.

### Módulo I: Três momentos da história da natureza no ocidente

Aula 2 (16 de agosto): Uma genealogia da natureza no ocidente: sobre o conceito de *physis*.

Leitura: HEIDEGGER, Martin; *A essência e o conceito de physis em Aristóteles*

Aula 3 (23 de agosto): O advento da natureza como máquina. Excepcionalismo humano, teologia, acumulação primitiva e apropriação no pensamento liberal

Leitura: LOCKE, John; *Segundo tratado sobre o governo civil*

---

Aula 4 (30 de agosto): Da máquina aos sistemas abertos: um novo vitalismo. Uma pequena história da contingência e da errância como fator de constituição de sistemas biológicos.

Leitura: MONOD, Jacques; *O acaso e a necessidade*

Bibliografia:

ARISTÓTELES, Física, Lisboa: Edições 70, 2023

AMEISEN, Jean Claude; *La sculpture du vivant: le suicide cellulaire ou la mort créatrice*, Paris: Seuil, 2003

ATLAN, Henri; *Entre le cristal et la fumée: essai sur l'organisation du vivant*, Paris: Seuil, 1979

\_\_\_; *Selected Writings on self-organization, philosophy, bioethics and judaism*, Fordham University Press, 2011

BRÉHIER, Emile; *A teoria dos incorporais no estoicismo antigo*, Belo Horizonte: Autêntica, 2012

CANGUILHEM, Georges; *La connaissance de la vie*, Paris: Vrin, 2003

CHARBONNIER, Pierre; *Abundância e liberdade: uma história ambiental das ideias políticas*, São Paulo: Boitempo, 2021

CONDORCET; *Esquisse d'un tableau historique du progrès humain*, Paris: Masson et fils, 1822

DIEGUES, Antônio Carlos Sant'Ana. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec: Napaub-USP/CEC, 2008.

FITZMAURICE, Andrew; *Sovereignty, property and empire, 1500-2000*, Cambridge University Press, 2014

HEIDEGGER, Martin; *Marcas do caminho*, Petrópolis: Vozes, 2008

HEISENBERG, Werner; *La nature dans la physique contemporaine*, Paris: Gallimard, 1962

LA METTRIE, Julien; *L'homme-machine*, Paris; Denoel, 1981

LOCKE, John; *Segundo tratado do governo*, Petrópolis: Vozes, 2019

MACPHERSON, C.B., *A teoria política do individualismo possessivo*, São Paulo: Paz e Terra, 2009

NADDAF, Gerard. *The Greek Concept of Nature*. New York: State University of New York Press, 2004.

MONOD, Jacques; *Le hasard et la nécessité: essai sur la philosophie naturelle de la biologie modern*, Paris: Seuil, 1975

SAFATLE, Vladimir; *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*, Belo Horizonte: Autêntica, 2017

SIMONDON, Gilbert; *A individuação à luz das noções de forma e informação*, São Paulo: Editora 34, 2020

---

## Módulo II: Emancipação social e o destino da natureza

Aula 5 (13 de setembro): Natureza como fundamento normativo para lutas de emancipação social no século XXI. A emergência da crítica do antropoceno.

Leitura: LATOUR, Bruno; Face a gaia e MANIGLIER, Patrice: Le philosophe, la terre et le virus

Discussão com Patrice Maniglier (Paris X)

Aula 6 (4 de outubro): Capitaloceno, ecossocialismo e as consequências da junção entre progresso e destruição no desenvolvimento capitalista. Crítica da alienação e metabolismo humano/natureza em Marx. O capital e a terra como fonte inesgotável de valor.

Leituras: MARX, Karl; Manuscritos econômico-filosóficos, LÖWY, Michael; O que é ecossocialismo

Discussão com Michael Löwy (CNRS)

Aula 7 (11 de outubro): Os limites do crescimento e as ilusões da abundância. Da perenidade estrutural do subdesenvolvimento

Leitura: FURTADO, Celso; O mito do desenvolvimento econômico

### Bibliografia:

CHAKRABARTY, Dipesh: The climate of the history in a planetary age, University of California Press, 2021

ETELAIN, Jeanne e MANIGLIER, Patrice; Ramener la critique sur la terre, Critique, n. 903-904

FURTADO, Celso; O mito do desenvolvimento econômico, São Paulo: Paz e Terra, 1978

HARAWAY, Donna; Quando as espécies se encontram, São Paulo: Ubu, 2022

LATOUR Bruno, Diante de gaia, São Paulo: Ubu, 2020

\_\_\_; Políticas da natureza, São Paulo: Unesp, 2019

LÖWY, Michael e SAYRE, Robert; Anticapitalismo romântico e natureza, São Paulo: Unesp, 2021

\_\_\_; O que é ecossocialismo, São Paulo: Cortez, 2014

MALM, Andreas; L'anthropocène contre l'histoire: le réchauffement climatique à l'ère du capital, Paris: La fabrique, 2017

\_\_\_; Fossil capitalismo, Londres: Verso, 2016

MANIGLIER, Patrice; Le philosophe, la terre et le virus, Paris: Les liens qui libèrent, 2021

MARX, Karl; Manuscritos econômico-filosóficos, São Paulo: Boitempo, 2012

MCNEILL, John; The great acceleration: an environmental history of the Anthropocene since 1945, Harvard University Press, 2014

MEADOWS, Donella ( et alli); The limits to growth, Nova York: Potomac, 1972

---

MOORE, Jason (org); Antropoceno ou capitaloceno: natureza, história e a crise do capitalismo, São Paulo: Elefante, 2022

SAITO, Kohei; O ecossocialismo de Karl Marx, São Paulo: Boitempo, 2021

### Módulo III: Natureza contra liberdade

Aula 8 (18 de outubro): Natureza contra liberdade: autonomia moral e a noção da natureza como um sistema de causalidade fechada. Sobre as bases teológicas da noção moderna de autonomia moral

Leitura: AGOSTINHO; Do livre-arbítrio

Aula 9 (25 de outubro): Um outro naturalismo é possível: uma leitura naturalista da psicanálise freudiana a partir do problema do estatuto das pulsões, suas consequências e seus descontentes.

Leituras: FREUD, Sigmund; Para além do princípio do prazer e SIMANKE, Richard; "Um reino de possibilidades ilimitadas".

Discussão com Richard Simanke (UFJF)

Aula 10 (01 de novembro): A permanência da concepção moderna de autonomia nos debates contemporâneos sobre sexualidade e auto-determinação. Potência e limite das teorias de gênero. Crise ecológico e crise psíquica.

Leitura: BUTLER, Judith; Problemas de gênero

### Bibliografia:

AGOSTINHO; Confissões, Petrópolis: Vozes, 2004

\_\_\_; Do livre-arbítrio, Ecclesiae, 2019

BRAIDOTTI, Rose. Nomadic Subjects: Embodiment and Sexual Difference in Contemporary Feminist Theory. New York: Columbia University Press, 2011

BUTLER, Judith; Problemas de gênero, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

\_\_\_; Desfazendo gênero, São Paulo: Unesp, 2022

FREUD, Sigmund; Além do princípio do prazer, Belo Horizonte: Autêntica, 2020

PRECIADO, Paul; Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica, São Paulo, N - 1, 2018

SAFATLE, Vladimir; "Crítica da autonomia: liberdade como heteronomia sem servidão", Discurso, v. 49, n. 2, 2019

SCHNEEWIND, J.B., A invenção da autonomia, São Leopoldo: Unisinos, 1998

[SIMANKE, R. T.](#) A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e humanas. Scientiae Studia (USP), v. 7, p. 221-236, 2009.

VAN HAUTE, Phillipe e WESTERIK, Hermann; Reading Freud's Three essays on Theory of sexuality: from pleasure to the object, Nova York: Routledge, 2019

---

ZUPANCIC, Alenka; *O que é sexo?*, Belo Horizonte: Autêntica, 2023

Módulo III:

Aula 11 (8 de novembro): A tese do multinaturalismo ameríndio e suas implicações políticas. Sobre a arte de inverter a crítica do fetichismo.

Leitura: VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; *Metafísicas canibais*

Aula 12 (22 de novembro): Natureza como sujeito de direito: invenções jurídicas latino-americanas, Lutas indígenas e alianças políticas contra modelos sócio-econômicos, formas de vidas e estruturas de pensamento.

Leitura: PAREDES, Julieta; *Para descolonizar o feminismo*

Discussão com Julieta Paredes (poeta e liderança aymara)

Bibliografia:

CLASTRES, Pierre; *A sociedade contra o estado*, São Paulo: Ubu, 2020

CUSICANQUI, Silvia; *Ch'ixinakax utxiwa. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010

DESCOLA, Philippe; *Par delà nature et culture*, Paris: Gallimard, 2005

FAUSTO, Ruy; *Marx: Lógica e política : tomo II*, São Paulo: Brasiliense, 1987

GRAEBER, David e WENGROW, David; *O despertar de tudo*, São Paulo: Companhia das Letras, 2022

KOPENAWA, Davi e ALBERT, Bruce; *A queda do céu*, São Paulo: Companhia das Letras, 2015

PAIRICAN, Fernando; *La via politica mapuche : apuntes para um estado plurinacional*, Santiago: Paidós, 2022

PAREDES, Julieta; *Para descolonizar el feminismo*, La Paz: Ediciones feminismo comunitário de Abi Ayala, 2020

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; *A inconstância da alma selvagem*, São Paulo: Ubu, 2017  
\_\_\_; *Metafísicas canibais*, São Paulo: Ubu, 2018

**III – FORMA DE AVALIAÇÃO:**

Dissertação.